

**Experiências de Turismo Regenerativo no Brasil: uma pesquisa  
exploratória**

**Deborah Rocha Pereira**

Graduanda em Relações Internacionais – Universidade Salvador/UNIFACS, Brasil  
Bolsista de Iniciação Científica – CNPQ, Brasil  
E-mail: [deborah.pr.rocha@gmail.com](mailto:deborah.pr.rocha@gmail.com)

**Tarcísio Francisco de Aragão de Araújo**

Graduando em Relações Internacionais – Universidade Salvador/UNIFACS, Brasil  
Bolsista de Iniciação Científica – CNPQ, Brasil  
E-mail: [tar.cisiofrancisco@outlook.com](mailto:tar.cisiofrancisco@outlook.com)

**Claudio Luiz Ariani Fontes**

Mestre em Administração - Universidade Salvador/UNIFACS Brasil  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano –  
Universidade Salvador /UNIFACS, Brasil  
E-mail: [contato.claudifontes@gmail.com](mailto:contato.claudifontes@gmail.com)

**Carolina de Andrade Spinola**

Doutora em Geografia – Universidade de Barcelona, Espanha  
Coordenadora e Profa. do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e  
Urbano – Universidade Salvador/UNIFACS, Brasil  
E-mail: [cas.spinola@gmail.com](mailto:cas.spinola@gmail.com)

**Resumo**

O aumento crescente da preocupação com as questões ambientais e as suas ramificações globais têm gerado um impulso significativo em direção à cultura da regeneração em diversas áreas do conhecimento. Este movimento é alimentado não apenas pelas mudanças climáticas, mas também pelo surgimento de pandemias sanitárias, que têm reforçado a necessidade de se repensar as interações da sociedade com o meio ambiente. No contexto do turismo, a ideia emergente do Turismo Regenerativo, visto como uma evolução do conceito de sustentabilidade, tem aproximadamente duas décadas de existência, mas está apenas começando a ganhar força no Brasil. Para além de apresentar as bases dessa discussão conceitual, o presente artigo aspirou mapear, por meio de uma pesquisa exploratória na internet, a existência de experiências autodeclaradas de Turismo Regenerativo e analisá-las sob a ótica de seus fundamentos. A análise das práticas

selecionadas revelou um cenário multifacetado, com diversidade nas abordagens, desde a restauração de ecossistemas marinhos até a preservação do patrimônio histórico da cultura esperantista. As iniciativas estão baseadas na participação das comunidades locais, na regeneração ambiental e na busca por estratégias financeiramente sustentáveis. Contudo, a participação dos turistas ainda é predominantemente passiva e baseada na experimentação de vivências e práticas voltadas para o autoconhecimento e o refazimento físico e espiritual. Embora de forma incipiente, esse novo paradigma começa a ser adotado no país, sendo ainda necessárias diretrizes específicas que orientem essas iniciativas, uma vez que os princípios que norteiam essa prática ainda se apresentam de forma muito abstrata.

**Palavras-chave:** Turismo Consciente. Sustentabilidade. Regeneração. *Design* regenerativo. Turismo Regenerativo

## 1 INTRODUÇÃO

O setor de viagens e turismo, ao longo das últimas décadas, tem se transformado de maneira significativa, refletindo as mudanças nas aspirações, interesses e valores dos viajantes contemporâneos, estimuladas, em grande medida, pela emergência da agenda ambiental. Estas mudanças questionam os princípios que norteiam o paradigma do turismo de massa, que se baseia na eficiência operacional e na maximização dos lucros dos operadores do setor, que se tornou dominante após a Segunda Guerra Mundial e foi o grande responsável pela disseminação da atividade em termos globais. Todavia, essa forma do “fazer turístico” deixou um rastro de impactos socioambientais e a necessidade de experiências mais contextualizadas, por parte de parcelas dos viajantes, naquilo que Russel (2006) denomina de ‘crise do reinado da quantidade’, dando início a novas vertentes que trilham o caminho da qualidade.

Assim, de primeiro, a partir do final do século passado, o advento da sustentabilidade como um movimento global que se concentra na relação entre homem e natureza e na utilização racional dos recursos naturais, foi bem recebido pelo setor, estabelecendo-se como um paradigma alternativo de atuação, mais responsável e preocupado com os efeitos de longo prazo do modo de produção até então vigente no turismo (Sadler, 1999; Farsari, Prastacos, 2000; Hunter, 2002).

Nos últimos tempos, devido à compreensão de que as mudanças necessárias não estão sendo implementadas na sociedade de forma completa e no ritmo desejado, emergiu a ideia da cultura da regeneração e do *design* regenerativo como uma abordagem que, para alguns, aumenta os níveis de ambição da sustentabilidade, mas para outros, representa uma mudança paradigmática na abordagem dessa mesma relação entre o ser humano e a natureza. Como não poderia deixar de ser, esse movimento começa a estabelecer seus marcos no turismo, sob a forma do Turismo Regenerativo.

Em síntese, a ideia de regeneração vai além da conservação e manutenção dos recursos de um território específico, visando restaurar ou reconstituir seus níveis, ou padrões anteriores à intervenção humana. Sendo assim, o conceito regenerativo advém de uma frustração com a insuficiência da abordagem sustentável frente à crise planetária e a necessidade de um movimento em direção ao reequilíbrio dos recursos naturais e à revitalização das comunidades locais, promovendo uma relação simbiótica entre o turismo e o ambiente hospedeiro. (Howard; Hes; Owen, 2008). Logo, o termo

‘regenerativo’ emerge propondo uma abordagem turística além do conceito de sustentabilidade (Owen, 2007).

No turismo, a ideia da regeneração pode ser encontrada, desde sempre, no turismo de saúde, que já em seus primórdios, tem a cura de doenças e a busca pelo bem-estar dentre as principais motivações de seus praticantes. Todavia, como se apresenta hoje na literatura consultada, essa abordagem transcende a esfera do individual, alcançando processos e práticas que almejam regenerar destinos e comunidades.

A discussão proposta neste estudo recai justamente sobre esse paradigma emergente do turismo e seu desenvolvimento no contexto brasileiro. Pretende-se, além da discussão de seus princípios, realizar um mapeamento de experiências brasileiras, que se autointitulam como regenerativas. Entre as iniciativas examinadas, destaca-se a Comuna do Ibitipoca em Conceição do Ibitipoca (MG), a Biofábrica de Corais em Porto de Galinhas (PE), o Projeto *Luminus* em Jequitibá (SP) e a Fazenda Bona Espero na Chapada dos Veadeiros (GO). No que se refere ao percurso metodológico, trata-se de uma pesquisa exploratória, tendo se recorrido a procedimentos de revisão bibliográfica e análise documental.

O artigo encontra-se estruturado em quatro seções, além da Introdução e da Conclusão. Na primeira, tenta-se recuperar as origens da preocupação com a regeneração no turismo; a segunda seção discute o ressurgimento deste conceito enquanto um paradigma de operação do setor, na terceira seção são apresentados alguns elementos metodológicos e, por fim, traz-se os resultados e a discussão.

## 2 TURISMO E REGENERAÇÃO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS

A origem do turismo não pode ser datada precisamente, mas alguns estudiosos identificam que viagens feitas para fins comerciais, religiosos e culturais tiveram seus primeiros registros na Grécia e no Egito antigo (Zuifaqar et al., 2023). Outros autores acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, por serem os inventores da moeda e do comércio (Barreto, 2003). A estas motivações, entretanto, é preciso acrescentar as viagens realizadas para tratamentos de saúde.

O turismo de saúde é uma das modalidades mais antigas da atividade (Brasil, 2010) tendo motivado deslocamentos envolvendo a promoção da saúde, a busca da beleza, a cura de doenças e a iluminação espiritual (Smith; Kelly, 2006; Gustavo, 2010, Pollock, 2019). Essas práticas eram realizadas primeiro nas termas gregas e romanas, depois nas estâncias hidrotermais e, por fim, nos balneários.

De acordo com Paixão (2007) as termas romanas se transformaram em verdadeiros clubes de saúde, haja vista a quantidade de recursos terapêuticos que eram associados aos tratamentos com águas sulfurosas. Segundo o autor, ruínas dessas estruturas podem ser encontradas por todo território compreendido pelo antigo império, do norte da África até a Inglaterra.

No Brasil, os tratamentos e terapias de base natural, utilizando o poder curativo das águas minerais (crenoterapia), do mar (talassoterapia) e do clima (climatoterapia) também se constituíram em uma das primeiras motivações do turismo interno, ainda no século XVIII (Silva; Barreira, 1994).

Na atualidade, o turismo de saúde é definido como “as atividades turísticas decorrentes da utilização de meios e serviços para fins médicos, terapêuticos e estéticos” (Brasil, 2010) e incorpora, além das práticas mencionadas, o denominado turismo de bem-estar.

O turismo de bem-estar ou *wellness tourism* é um segmento em franco crescimento, pois, segundo Beni (2003) tem sua dinâmica diretamente dependente da busca por qualidade de vida, controle do *stress* cotidiano e renovação das energias por parte principalmente dos moradores das grandes cidades. Neste aspecto, Michelini (2005) associa o turismo de bem-estar com um processo biopsicossocial de regeneração de seus participantes que, conforme complementam Smith e Pucskó (2009) engloba a sua relação com o meio ambiente.

Dicio (2023) conceitua a regeneração como um processo de melhoria, renovação ou reconstituição de algo prejudicado, destruído ou arruinado. Para Tavares (2023, p.1), trata-se de “uma relação de reciprocidade onde uma entidade viva realiza um papel capaz de gerar saúde e vitalidade para o sistema em que está inserida e que, por sua vez, é beneficiada por este sistema maior” (Tavares, 2023, p.1). Entendida enquanto um paradigma, a regeneração norteia condutas em várias áreas do conhecimento, tais como a agricultura, o *design*, a medicina e até mesmo a economia.

No turismo, embora bastante recente, essa nova abordagem ganha espaço como uma reação à relatada incapacidade das práticas, até então classificadas como sustentáveis no setor, de dar conta dos inúmeros impactos causados pela atividade. Na próxima seção passar-se-á a descrever como essa perspectiva migrou da esfera individual, relacionada às necessidades de um segmento específico de turistas, para o âmbito do setor de viagens, buscando se posicionar como um novo paradigma.

## 2.1 Do turismo sustentável ao regenerativo: uma mudança de paradigma?

Um paradigma pode ser definido como “uma estrutura mental — composta por teorias, experiências, métodos e instrumentos — que serve para o pensamento organizar, de determinado modo, a realidade e os seus eventos” (Silva Neto, 2011, p. 247). Partindo dessa compreensão, admite-se que se fale de paradigmas em diversas áreas do conhecimento e como categoria compreensiva de diferentes fenômenos, como o turismo.

Em se tratando de um modelo ou padrão de operações do setor de viagens, nos remetemos, inicialmente, ao paradigma do turismo de massa, que se tornou hegemônico no período pós Segunda Guerra Mundial, em função da evolução dos meios de transporte e do maior acesso dos trabalhadores das sociedades industrializadas às férias remuneradas. Esta forma de organização do setor se caracteriza pela grande escala de operações, pela padronização do produto disponibilizado aos turistas e, conseqüentemente, pelo atendimento de grupos numerosos de pessoas cujo afluxo, no mais das vezes, deixa impactos significativos nos ecossistemas e comunidades locais (Dias, 2003).

Nos anos 1990, quando a atenção do mundo se volta para a delicada situação de degradação ambiental do planeta, novas formas de pensar e praticar a atividade turística começaram a surgir, alinhando-se aos preceitos da sustentabilidade preconizados pelo Relatório *Bundtland*. Eis que emerge o paradigma do turismo sustentável, definido por Candiottto (2009, p.49) como:

[...] um condutor da gestão de todos os recursos existentes, tanto do ponto de vista da satisfação das necessidades econômicas, sociais e estéticas quanto da manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas de suporte à vida.

Para Korrosy (2008) o turismo sustentável poderia ser uma alternativa ao turismo de massa, destacando a sua tentativa de conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente e a promoção do bem-estar das comunidades locais. Segundo a autora, para ser considerado sustentável, o turismo deve atender a uma série de princípios e características, como a melhoria do bem-estar material e não-material, a equidade intra e intergeracional, a proteção da diversidade biológica e a manutenção dos sistemas e processos ecológicos.

É possível observar, contudo, que, apesar dos esforços para diminuir os impactos negativos do turismo nas esferas social, cultural e ambiental, a indústria do turismo continuou a criar consequências severamente criticadas, que acabam por colocar em xeque a capacidade do paradigma da sustentabilidade em dar uma resposta a essa questão.

Kuhn (1998) referindo-se às ciências — mas aqui aplicamos a sua argumentação a uma noção mais ampliada do termo — explica que a persistência das falhas na capacidade de um paradigma responder aos desafios para os quais foi concebido, pode levar ao seu descrédito e ao aparecimento de paradigmas rivais. Segundo ele, o paradigma rival se constitui em um paradigma emergente que “nasce das próprias anomalias do paradigma tradicional e emerge como alternativa”, mas que não é, necessariamente, “proposto em inteira oposição ao paradigma tradicional” (Kuhn, 1998, p.9).

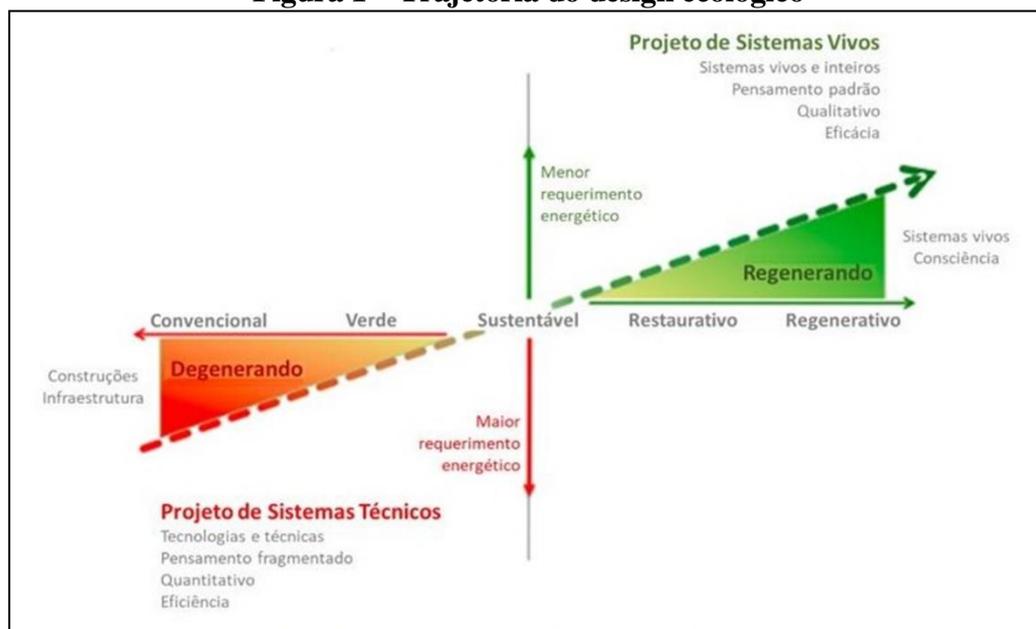
É nesta dinâmica dialética natural que surge o objeto deste artigo, entendido como um paradigma emergente da prática turística pelos autores revisados, embora ainda contestado por outra corrente de estudiosos que o classificam como uma mera evolução da noção de sustentabilidade.

Para Owen (2007), uma das primeiras autoras a difundir o Turismo Regenerativo, a própria ideia de sustentabilidade parece insuficiente para lidar com a extensão dos problemas que estão sendo enfrentados e causados pelo setor atualmente e, como consequência, os termos ‘regenerativo’ e ‘restaurador’ surgem para desafiar as inadequações percebidas e inerentes ao conceito de sustentabilidade (Owen, 2007).

Pollock (2013) reitera que a ideia do turismo enquanto uma ‘indústria’ é equivocada no sentido de que alude a práticas que acumulam impactos ao longo do tempo, devendo, portanto, ser substituída. Ao fazer essa reflexão, a autora reforça a conceituação do Turismo Regenerativo trazida por Owen (2007) que o entende como uma abordagem sistêmica baseada em uma rede colaborativa de atividades capaz de criar benefícios líquidos para todos os seus participantes.

Essa perspectiva requer uma mudança de *mindset* enquanto se fundamenta em uma premissa integrativa que coloca os seres humanos como parte do meio ambiente, e não acima das outras formas de vida. Pollock (2013) citando Pangea (2009) argumenta que essa perspectiva possibilita mais do que a mera sobrevivência adaptativa, mas o florescimento de uma nova consciência, conforme ilustrado por Mang & Reed (2020) na Figura 1.

Figura 1 – Trajetória do design ecológico



Fonte: (Mang; Reed, 2020)

Neste sentido, o Turismo Regenerativo surge como uma nova abordagem, para além do Turismo Sustentável, que se processa através de sistemas vivos que facilitam encontros, criam ligações e desenvolvem relações recíprocas e mutuamente benéficas por meio de práticas e experiências de viagem, refletindo de forma única os locais de turismo. (Bellato; Frantzeskaki; Nygaard, 2022).

O Turismo Regenerativo também é descrito por Bellato et al. (2023) como um conceito emergente que se concentra em criar um impacto positivo no meio ambiente, na economia local e na comunidade anfitriã. Ele se baseia em práticas sustentáveis e regenerativas que visam restaurar e regenerar os ecossistemas e as comunidades locais, em vez de simplesmente minimizar o impacto negativo da atividade, além de criar experiências autênticas e significativas para os visitantes, que possam contribuir para o seu bem-estar e crescimento pessoal. Em resumo, o Turismo Regenerativo visa criar um impacto positivo em todas as partes interessadas envolvidas no setor de turismo.

Mas essa oposição ou superação do conceito de sustentabilidade o credenciará como um novo paradigma? Um dos pontos principais a serem observados nessa discussão é que, de acordo com Morin (2000) todo paradigma deve ser construído sobre dois alicerces: a) a promoção e seleção de conceitos-mestres da inteligibilidade e b) a determinação das operações lógicas-mestras da inteligibilidade. Em outras palavras, todo paradigma deve ter um conceito particular como núcleo e uma operação lógica específica, definidora dos procedimentos que devem ser adotados.

No que se refere ao Turismo Regenerativo, o conceito da regeneração pode ser claramente identificado como um conceito-mestre, uma vez que assume uma posição central no corpo teórico construído e funciona como 'selecionador' de ideias ou experiências que lhe são compatíveis ou antinômicas.

E quanto ao segundo alicerce mencionado por Morin (2000), sobre a determinação das operações lógicas-mestras da inteligibilidade? Como ir além das práticas tradicionais de sustentabilidade? O que configuraria uma abordagem regenerativa no turismo? Na tentativa de responder a esses questionamentos, trazemos no Quadro 1 os sete princípios do

Turismo Consciente enunciados por Pollock (2019) como um caminho para a regeneração na atividade, denominados de 7P's.

**Quadro 1 - Princípios do Turismo Consciente**

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
Plenty (bastante)	Princípio alternativo ao 'lucro' do modelo industrial do turismo. Refere-se na ideia de atuar com base no 'suficiente', sem excessos, indicando um sentido de limite para as atividades e um foco na qualidade ao invés da quantidade. Destaca a necessidade de que todos os envolvidos ganhem com a atividade.
People (pessoas)	O ponto de partida são as pessoas e as experiências. A interdependência e a interconexão entre as pessoas fazem o turismo acontecer. É importante que as 'pessoas' sejam vistas como 'parceiros'. Nesse conjunto de pessoas o anfitrião desempenha um papel vital de elo entre as demais funções onde seu exemplo pode afetar o comportamento dos visitantes.
Place (lugar)	Considerar um destino como um 'lugar' ao invés de um 'produto' muda o <i>mindset</i> nos turistas. As singularidades locais (geográficas, culturais, sociais, etc.) são únicas. Identificar e projetar a singularidade de cada 'lugar' aumentará o valor e o respeito que inspiram e incentivarão o desenvolvimento sustentável.
Purpose (objetivo)	É o senso de propósito que desperta a paixão. É a paixão que encanta o cliente. A paixão e o cuidado permitem os colaboradores resolverem os problemas e apresentar ideias inovadoras. É esse propósito e essa paixão que moldam e colore as memórias que os hóspedes levam para casa e partilham.
Pull (atrair)	Ao invés de focar nos atributos do produto, os anfitriões devem ser claros sobre quem eles são, quais são os seus valores, porque eles estão no mercado, dentre outros aspectos valorizados pelos turistas conscientes, além do preço.
Pace (ritmo)	'Ritmo' incentiva a busca por destinos conscientes que desaceleram os turistas, dando-lhes a oportunidade de aprender e vivenciar experiências enriquecedoras no destino, como uma fuga da rotina diária. É a busca pelo 'ser' no lugar de 'fazer'.
Protection (proteção)	Já está ultrapassado os operadores do turismo explorarem paisagens, ecossistemas, culturas, a fauna e a flora, para vender serviços. É do interesse do anfitrião tornar-se defensor proativo e guardião do ambiente natural e cultural. Os turistas conscientes estão empenhados em reduzir o impacto ambiental.

Fonte: Adaptado de (Pollock, 2013, tradução nossa).

De modo geral, Pollock (2013) defende a construção de um turismo vivo, adequado a um planeta vivo e os princípios enunciados trazem diferenças ao proposto pelo turismo sustentável. Todavia, ainda é incipiente a literatura que descreve a tradução desta conceituação para a prática, nos termos dos procedimentos ou operações lógicas que caracterizariam o Turismo Regenerativo. Assim, neste artigo, vamos apresentar algumas experiências que se autointitulam como vinculadas a este conceito no Brasil para tentar identificar características concretas que se relacionem aos princípios acima enumerados.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O enfoque metodológico seguido pode ser considerado como exploratório, com a aplicação de procedimentos de revisão bibliográfica e de pesquisa documental, incluindo a técnica de análise de conteúdo online para identificar elementos específicos do Turismo Regenerativo nos materiais analisados. A pesquisa documental englobou a análise de *websites* que forneceram informações relacionadas a experiências tangíveis de Turismo Regenerativo no contexto brasileiro (Correa, 2018).

A busca por estes materiais iniciou-se na preparação e organização dos dados, englobando uma busca criteriosa na internet de *websites* que apresentassem experiências autodeclaradas de Turismo Regenerativo. Para tal, utilizou-se na plataforma de busca Google o descritor ‘Turismo Regenerativo’, tendo sido definidos como critérios de inclusão que pautaram a seleção das fontes: as práticas regenerativas, o Turismo Regenerativo, a relevância temática, a credibilidade das informações textuais, visuais e outras formas de dados presentes nas fontes digitais identificadas e a localização geográfica.

Na fase de pré-análise, realizou-se a organização e estruturação dos materiais reunidos, com a devida catalogação e armazenamento. As informações sobre os casos selecionados foram encontradas em sites e na rede social Instagram. A inclusão dos casos se deu em função da quantidade de informações disponibilizadas e o tempo de existência das referidas iniciativas, conforme mostrado no Quadro 2.

**Quadro 2 - Casos de Turismo Regenerativo selecionados**

Caso	Localização	Fonte	Área	Fund.
Biofábrica de Corais	Recife, PE	<a href="https://biofabricadecorais.com">https://biofabricadecorais.com</a>	Área litorânea Porto de Galinhas	2017
Comuna do Ibitipoca	Conceição do Ibitipoca, MG	<a href="https://ibiti.com">https://ibiti.com</a>	6 mil hectares	1982
Fazenda Escola Bona Espero	Alto Paraíso de Goiás, GO	<a href="https://acesse.dev/npomg">https://acesse.dev/npomg</a>	484 hectares	1957
Instituto Terra <i>Luminous</i>	Juquitiba, SP	<a href="https://terraluminous.eco.br">https://terraluminous.eco.br</a>	129 hectares	2010

Fonte: Elaboração própria

A definição das categorias de análise foi integralmente baseada nos preceitos teóricos previamente estabelecidos no âmbito desse artigo tendo se buscado identificar, além de elementos que remontem aos princípios enunciados por Pollock (2013), aspectos relacionados com a natureza das iniciativas (pública ou privada), tipo de infraestrutura que utilizam, bem como informações que trouxessem detalhamentos operacionais referentes a preços e atividades que são propostas.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

A fim de ilustrar a concretização prática do conceito de Turismo Regenerativo, procedeu-se à análise de quatro empreendimentos no território brasileiro que têm declarado adotar abordagens regenerativas em suas operações. Dentre esses exemplos de destaque, merecem menção a Comuna do Ibitipoca, a Biofábrica de Corais, o Projeto *Luminous* e a Fazenda Escola Bona Esperança. Nesse sentido, foi efetuada uma minuciosa avaliação quanto à conformidade dessas iniciativas com os princípios basilares do Turismo Regenerativo, destacando-se suas estratégias e práticas inovadoras que transcendem a mera mitigação de impactos ambientais, engajando-se ativamente na promoção da regeneração das comunidades locais e do ecossistema circundante.

Para um melhor entendimento das diferentes abordagens adotadas por projetos de Turismo Regenerativo, o Quadro 3 apresenta um comparativo que resume as missões e os aspectos particulares dos quatro projetos analisados neste estudo. Essa análise revela a

diversidade de abordagens que podem ser adotadas no âmbito do Turismo Regenerativo e destaca a importância de compreender as nuances de suas missões e práticas.

### Quadro 3 – Enquadramento dos 7P's do Turismo Consciente nos casos selecionados

Princípios	Aspectos observados	Casos Estudados			
		Biofábrica de Corais	Comuna do Ibitipoca	Escola Fazenda Bona Espero	Instituto Luminous
Purpose	Natureza da iniciativa	Startup incubada do Polo Tecnológico e Criativo da UFPE	Organização privada	Organização social público/privada	Organização da sociedade civil
	Proposta regenerativa	Ambiental (plantio, restauração e cultivo de corais em berçários) Coral de fogo e Coral couve-flor	Ambiental: (refaunação e regeneração). Cultural: (preservação do patrimônio histórico). Turista: (autoconhecimento e desenvolvimento interpessoal)	Ambiental: (agricultura regenerativa e permacultura). Social: (formulação de um mundo mais democrático sem a postura etnocêntrica entre os povos)	Ambiental: (regeneração da Mata Atlântica). Social: (comunidade sociocrática). Turista: (autoconhecimento e desenvolvimento interpessoal)
Pull	Missão	“Promoção da resiliência e restauração de ambientes recifais”	“Trabalhar na criação de um ambiente fértil, promovendo sintonia entre as pessoas e o meio ambiente”	“Estimular a consciência de consumo, de convivência e qualidade de vida em harmonia com a natureza”	“Regenerar a relação do ser humano consigo, com o outro e com a natureza, protegendo a Mata Atlântica”
	Papel do turista	Turista como instrumento	Turista como foco	Turista como foco	Turista como foco
Plenty	Preços praticados	Experiência por hora – de R\$250,00 a R\$1.300,00	Diárias - R\$733,00 a R\$2.266,00 (pensão completa)	Diárias - R\$420,00 a R\$1.080,00.	Diária – de R\$240,00 a R\$396,00
	Existência de voluntariado	Não possui programa de voluntariado	Não possui programa de voluntariado	Sim. colaboração do casal Grattapaglia, e das Comunidades Esperantistas de todo o mundo	Sim. Programas de voluntariado de 7 dias a 2 meses.
	Existência de iniciativa de economia solidária	Não tem	Não tem	Fraternidade/doações	Moeda social “vagalumens”. Utilizada para transações dentro da comunidade.
People	Envolvimento da Comunidade	A equipe de trabalho faz parte da comunidade local (pesquisadores, guias, mergulhadores, fotógrafos, jangadeiros e suporte)	Os moradores residentes da vila trabalham junto aos projetos existentes.	A equipe de trabalho é formada por moradores locais. Sustentam programas de culinária vegana e agricultura familiar.	Anfitriões residem em uma ecovila. Mantém programas de educação ambiental para jovens de Juquitiba e canais de comunicação com a comunidade do entorno.
Place	Características locais	Litorâneo	Preservação e integração do <i>design</i> local, comunidades e natureza.	Preservação do patrimônio cultural da Fazenda Escola.	Mata Atlântica.
Pace	Experiências disponíveis	Participação no replantio em 3 modalidades:	Ciclismo, Visita à refauna, Banho de cachoeira, Trilhas,	Interação com a comida vegana, a cultura esperantista e	Vivências, Meditações, Aulas

	para os turistas	flutuação de <i>snorkel</i> , mergulho com cilindro ou mergulho livre com ensaio fotográfico	Tour pela vila, Yoga, Cinema ao ar livre, passeio a cavalo, <i>Birdwatching</i> .	agricultura regenerativa, meditação	de Yoga, Retiros, <i>Team-Bulding</i>
<b>Protection</b>	Espaço protegido	Não	APA de Ibitipoca	Não	Propriedade do Instituto em uma Área de Proteção Permanente dentro da APA Serra do Mar
	Técnicas Sustentáveis	Cultivo de corais ameaçados de extinção através da transplantação	Reciclagem, Compostagem de resíduos orgânicos, hortas e refaunação	Agricultura agroecológica e assistência social	Tratamento da água e de efluentes, Compostagem de resíduos orgânicos, Gestão de resíduos sólidos, hortas agroflorestais.
	Ações diretas de proteção	Pesquisa, desenvolvimento e inovação da biofábrica de corais são ensinados aos parceiros, turistas e eles participam das atividades de manejo de corais com fins de promoção e restauração.	Projeto de educação ambiental (Ibitipoca University), realizações de palestras e vivências, Movimento de neutralização da pegada de carbono.	Preservação do patrimônio histórico da cultura Esperantista.	Corredor ecológico, com 1.200 hectares, monitoramento da fauna, projetos de pesquisa, educação ambiental e articulação com a comunidade para preservação da Mata Atlântica.

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Analisando os casos apresentados no Quadro 3, percebe-se que se dividem igualmente entre iniciativas privadas (50%) e do terceiro setor (50%). Sob a ótica dos princípios enunciados por Pollock (2013), as propostas de regeneração (*Purpose*) são predominantemente ambientais, mas também englobam a perspectiva individual dos turistas (Bono Espera, Comuna de Ibitipoca e Projeto *Luminous*), a promoção de formas de convivência, mas democráticas e horizontalizadas (Bono Espera e Projeto *Luminous*) e uma preocupação com a preservação cultural do patrimônio, através do repovoamento de uma pequena vila histórica (Comuna de Ibitipoca).

No que se refere ao perfil do Turista (*Pull*) apenas a Biofábrica de Corais prevê uma participação ativa dos turistas como instrumentos da restauração. Nas demais iniciativas, os visitantes são os destinatários de uma série de atividades e vivências pensadas para a sua própria autorregeneração. O princípio *Pull* ressalta a necessidade de atrair os turistas por meio de propostas de valor autênticas, em vez de depender de fatores externos como marketing ou preço. Dessa forma, verifica-se que cada iniciativa deve oferecer experiências únicas e significativas que sejam capazes de despertar a curiosidade e o interesse do viajante.

Diante disso, torna-se evidente que a ênfase deve estar na experiência oferecida. O desenvolvimento dessas experiências deve ser realizado de forma colaborativa com a

comunidade local, garantindo representatividade e equidade. Contudo, a questão das taxas praticadas pelos projetos emerge como um dilema complexo. Embora essas taxas contribuam para a sustentabilidade financeira e melhorem a qualidade da experiência, também podem criar barreiras socioeconômicas, contradizendo o princípio *Plenty* do turismo regenerativo, que preconiza a acessibilidade a todos, independentemente de renda ou *status* social. Nesse impasse, a busca por soluções exige diálogo contínuo e colaboração entre as pessoas, os promotores dos projetos, as comunidades locais, o setor público e os potenciais visitantes. É fundamental reconhecer a complexidade do equilíbrio entre sustentabilidade financeira e acessibilidade, promovendo o turismo regenerativo de maneira inclusiva. No entanto, tal equilíbrio requer uma abordagem flexível, adaptável e sensível às particularidades locais. A literatura existente, conforme argumentado por Ajoon e Rao (2020) e Duxbury et al. (2021), destaca a necessidade de uma estratégia de desenvolvimento local que considere explicitamente o bem-estar da comunidade local e dos visitantes, promovendo um engajamento integral.

Em outras palavras, Ajoon e Rao (2020) apontam que a implementação do turismo regenerativo deve ocorrer de maneira apropriada, considerando a atividade como um agente crucial para fomentar a regeneração da sociedade em múltiplos domínios, abrangendo aspectos financeiros, cognitivos, físicos e emocionais. Contudo, não se pode ignorar a necessidade de elaborar estratégias de desenvolvimento local que mitiguem o crescimento não sustentável do turismo e que levem em consideração de maneira explícita o bem-estar da comunidade local (Duxbury et al., 2021). Dessa forma, é preciso ressaltar que o objetivo mais amplo de promover a sustentabilidade e a qualidade da experiência turística deve andar paralelamente com os esforços para minimizar as barreiras socioeconômicas.

Especial destaque deve ser feito ao Projeto *Luminous*, que facilita o acesso de crianças e jovens da cidade em que estão instalados e negociam valores caso eles estejam acima da capacidade de pagamento dos interessados. Esse mesmo projeto, juntamente com a Escola Fazenda Bona Espero, no rastro do entendimento sobre o justo e o necessário, mantém iniciativas de economia solidária e voluntariado.

Todos os casos estudados envolvem a comunidade local em algum nível, conforme preconiza o princípio correspondente (*People*). Novamente neste aspecto merece destaque o Projeto *Luminous*, cujos anfitriões praticam a regeneração em sua organização comunitária e possibilitam a experimentação deste modo de vida através dos seus projetos de voluntariado.

Outro aspecto a pontuar nos casos estudados é a sua capacidade de adaptação a diferentes contextos geográficos. Desde áreas costeiras até montanhosas, todos os projetos ilustram que o turismo regenerativo pode prosperar em diversos ambientes, desde que os princípios fundamentais sejam mantidos. Além disso, a ênfase na agricultura regenerativa, como evidenciado pela Fazenda Escola Bona Espero, exemplifica uma abordagem valiosa para a restauração do solo e promoção da biodiversidade, alinhando-se com as premissas da permacultura, conforme Mollison (1999) discute.

Seguindo esta mesma linha, a Biofábrica de Corais está localizada em uma área costeira e oferece aos turistas experiências de replantio de corais em diversos tipos de mergulho. A Comuna do Ibitipoca, localizada em uma área de montanha, oferece experiências de turismo de natureza com visita à refauna, banho de cachoeira, e trilhas. Em relação ao Instituto *Luminous*, situado em uma área de Mata Atlântica, sua proposta principal é oferecer experiências de autoconhecimento e desenvolvimento interpessoal. Dessa forma, a análise dos projetos em questão se justifica pela importância de compreender e destacar práticas de turismo regenerativo com o intuito de propor novas

alternativas de viagem de maneira eficaz e inovadora, envolvendo todos os atores e natureza em experiências extraordinárias.

É possível estabelecer, neste caso, uma associação significativa entre o homem consigo mesmo, com os outros e com a terra (Avecilla, 2018). Segundo a autora, a proposta do turismo regenerativo é dinâmica e evolutiva que abraça a sustentabilidade, enfatizando as relações entre o ser humano, a comunidade local e o meio ambiente, convidando o visitante a desacelerar e criar experiências que estabeleçam conexões profundas e positivas.

Por fim, o princípio da proteção (*Protection*) é atendido através da adoção de uma série de técnicas sustentáveis, em diferentes níveis e com ações focadas na regeneração da fauna e da flora locais.

Em suma, enquanto o turismo regenerativo no Brasil está em desenvolvimento, os casos estudados indicam um potencial significativo. Ao enfrentar desafios complexos e promover práticas inclusivas, essas iniciativas pioneiras apontam para um futuro promissor. Considerando a adaptabilidade do turismo regenerativo a diferentes ambientes e a sua capacidade de integrar sustentabilidade financeira com acessibilidade, entende-se que essa proposta reúne condições suficientes para contribuir no debate sobre a emergência de um novo turismo, capaz de lidar com as limitações dos modelos que o antecederam.

Assim, ao conectar os casos específicos aos desafios e oportunidades delineados, percebe-se que enfrentar essas complexidades requer um compromisso contínuo com o diálogo entre diversos *stakeholders*, incluindo governos locais, empresas turísticas, comunidades e turistas. Diante disso, o Quadro 4 traz alguns desafios e oportunidades identificados para o turismo regenerativo no Brasil, evidenciando que o sucesso da prática regenerativa em destinos turísticos depende da superação dos desafios por meio de parcerias colaborativas entre governos locais, empresas turísticas, comunidades e turistas. As oportunidades estão intrinsecamente ligadas à capacidade de criar experiências turísticas autênticas e sustentáveis que beneficiem todos os envolvidos. Dessa forma, O sucesso do turismo regenerativo no Brasil dependerá da superação desses desafios por meio de parcerias colaborativas que priorizem a criação de experiências turísticas autênticas, sustentáveis e inclusivas.

#### Quadro 4 – Desafios e oportunidades do turismo regenerativo no contexto brasileiro

Desafios	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sustentabilidade Financeira: Manter operações sustentáveis financeiramente, especialmente quando envolvendo atividades de conservação e educação que nem sempre geram receitas significativas.</li> <li>• Participação da Comunidade: Garantir o envolvimento contínuo e significativo da comunidade local nas iniciativas, evitando gentrificação e promovendo o empoderamento local.</li> <li>• Turismo Responsável: Educar os turistas sobre práticas responsáveis, minimizando o impacto ambiental e cultural, ao mesmo tempo que proporcionam experiências significativas.</li> <li>• Preservação Ambiental: Enfrentar desafios como a degradação ambiental, mudanças climáticas e preservação de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação Contínua: Oferecer programas educacionais para turistas e comunidade local, aumentando a conscientização sobre questões ambientais e culturais.</li> <li>• Colaborações Locais: Estabelecer parcerias com organizações locais, governos e empresas para fortalecer as iniciativas e promover a responsabilidade social.</li> <li>• Inovação Tecnológica: Utilizar tecnologia para monitorar ecossistemas, melhorar as práticas de conservação e envolver os turistas por meio de aplicativos educativos e experiências interativas.</li> <li>• Turismo de Experiência: Criar experiências turísticas únicas e autênticas, como a participação direta em atividades de conservação ou a imersão na cultura local, para atrair</li> </ul>

<p>ecossistemas frágeis, especialmente em áreas como a Mata Atlântica.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conscientização Pública: Superar a falta de conscientização pública sobre a importância da preservação ambiental e cultural, promovendo a sensibilização e o entendimento.</li> </ul>	<p>turistas interessados em experiências significativas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promoção da Cultura Local: Valorizar e preservar as tradições culturais locais, envolvendo os turistas nas práticas culturais, gastronomia e artesanato da região.</li> <li>• Marketing Responsável: Promover as iniciativas de turismo regenerativo por meio de marketing ético, destacando os benefícios para a comunidade local e o meio ambiente.</li> </ul>
---	--

Fonte: elaboração própria

Diante do panorama delineado no Quadro 4, emergem tanto desafios consideráveis quanto oportunidades promissoras para o desenvolvimento do turismo regenerativo no Brasil. A complexa interseção de questões financeiras, participação comunitária, responsabilidade ambiental e conscientização pública resalta os desafios inerentes a essa forma de turismo. Manter operações economicamente sustentáveis sem desrespeitar o princípio da suficiência, especialmente em contextos em que as atividades de conservação podem não gerar receitas capazes de cobrir os seus custos, representa um desafio fundamental. Além disso, a necessidade de assegurar o envolvimento contínuo e significativo das comunidades locais nas iniciativas torna-se vital, com o imperativo de evitar a gentrificação e, ao invés disso, promover o empoderamento local.

A promoção do turismo responsável é um pilar essencial, exigindo uma educação constante dos turistas sobre práticas responsáveis para minimizar impactos negativos tanto ambientais quanto culturais. Enfrentar desafios de preservação ambiental em meio à degradação e mudanças climáticas, particularmente em ecossistemas frágeis como a Mata Atlântica, demanda estratégias inovadoras e colaborações interdisciplinares.

Contudo, esses desafios também delineiam oportunidades estratégicas. A implementação de programas educacionais contínuos para turistas e comunidades locais pode aumentar a consciência sobre questões ambientais e culturais, fundamentais para um turismo responsável. Estabelecer colaborações sólidas com organizações locais, entidades governamentais e empresas proporciona uma rede robusta de apoio, promovendo a responsabilidade social e fortalecendo as iniciativas locais.

A aplicação criativa de tecnologia, como a utilização de aplicativos educativos e experiências interativas, não apenas melhora as práticas de conservação, mas também engaja os turistas de maneira educativa e significativa. Além disso, o foco na criação de experiências turísticas autênticas e únicas, onde os turistas podem participar ativamente em atividades de conservação ou mergulhar na riqueza da cultura local, surge como uma oportunidade inexplorada. Valorizar e preservar as tradições culturais locais, envolvendo os turistas em práticas culturais, gastronomia e artesanato regional, não apenas enriquece a experiência do turista, mas também fortalece a identidade cultural local.

Ademais, a promoção dessas iniciativas por meio do marketing ético, destacando não apenas os benefícios para os turistas, mas também os impactos positivos tangíveis sobre as comunidades locais e o meio ambiente, pode atrair um segmento crescente de consumidores que valorizam a responsabilidade social e a sustentabilidade.

Em síntese, embora os desafios sejam iminentes, as oportunidades oferecidas pelo turismo regenerativo são vastas e multifacetadas. Através da colaboração ativa, da inovação tecnológica e do respeito pelas tradições culturais, o turismo regenerativo no Brasil pode se tornar um motor poderoso para o desenvolvimento sustentável, ao mesmo

tempo, em que oferece experiências transformadoras e autênticas para os turistas e enriquece as comunidades locais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva predominante na sociedade contemporânea em relação à natureza é, frequentemente, caracterizada por uma abordagem predatória. Isso, por sua vez, demonstra a urgência de uma mudança nessa percepção. O presente artigo visa contribuir com essa discussão apresentando os principais aspectos relacionados com o paradigma emergente do Turismo Regenerativo no Brasil.

A discussão teórica sobre a natureza do turismo regenerativo não é conclusiva quanto ao seu enquadramento como um novo paradigma, uma vez que apesar de possuir um conceito mestre, ainda requer uma melhor compreensão de como os seus princípios podem ser expressos em lógicas mestre, conforme proposto por Morin (2000). Este foi justamente o objetivo deste artigo, através da análise de quatro experiências autodeclaradas de turismo regenerativo no Brasil.

A análise das práticas selecionadas revelou um cenário multifacetado, com diversidade nas abordagens, desde a restauração de ecossistemas marinhos até a preservação do patrimônio histórico da cultura esperantista. As iniciativas estão baseadas na participação das comunidades locais, na regeneração ambiental e na busca por estratégias financeiramente sustentáveis. Contudo, a participação dos turistas ainda é predominantemente passiva e baseada na experimentação de vivências e práticas voltadas para o autoconhecimento e o refazimento físico e espiritual.

Este estudo também identificou desafios prementes, tais como a sustentabilidade financeira em face de atividades de conservação e educação de resultados financeiros incertos, bem como a necessidade de uma participação comunitária genuína que promova a capacitação local, evitando a gentrificação. Ademais, a promoção do turismo responsável, a preservação ambiental em ecossistemas frágeis e a conscientização pública emergem como pilares cruciais, exigindo estratégias inovadoras e colaborações interdisciplinares.

No que se refere às limitações deste estudo, entende-se que a coleta de dados na internet pode interferir na correta apreensão dos detalhes das experiências. Sugerem-se várias direções para pesquisas futuras. Estudos comparativos entre diferentes iniciativas internacionais e as práticas realizadas em diferentes regiões do Brasil poderiam fornecer *insights* valiosos sobre a eficácia do turismo regenerativo em contextos diversos.

À medida que o Brasil avança em direção a um modelo mais sustentável de turismo, este estudo oferece *insights* relevantes, indicando não apenas as áreas de desafio, mas também as oportunidades latentes para o desenvolvimento sustentável, a preservação ambiental e o empoderamento das comunidades locais. Ao integrar tais aprendizados em futuras estratégias e políticas, o Brasil pode pavimentar um caminho significativo em direção a um turismo mais ético, impactante e autenticamente regenerativo.

## REFERÊNCIAS

AJOON, E. J.; RAO, Y. V. A Study on Consciousness of Young Travelers Towards Regenerative Tourism: With Reference to Puducherry. **Journal of Tourism Economics and Applied Research**, v.4, n.1, 2020. Disponível em: <http://jtear.uoctourism.com/publication/2020volume1/regenerativetourism.pdf> Acesso em: 19 out. 2023.

AVECILLA, S. T. **Análisis y aproximación a la definición del paradigma del turismo regenerativo**. 2018. 102 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão de Turismo Sustentável, Universidad para la Cooperación Internacional, San Jose, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/38564797/An%C3%A1lisis\\_y\\_aproximaci%C3%B3n\\_a\\_la\\_de\\_finici%C3%B3n\\_del\\_paradigma\\_del\\_Turismo\\_Regenerativo](https://www.academia.edu/38564797/An%C3%A1lisis_y_aproximaci%C3%B3n_a_la_de_finici%C3%B3n_del_paradigma_del_Turismo_Regenerativo). Acesso em: 22 out. 2023.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas: Papirus Editora, 2003. cap. 5. p. 43-57.

BELLATO, L.; FRANTZESKAKI, N.; NYGAARD, C. A. Regenerative tourism: a conceptual framework leveraging theory and practice. **Tourism Geographies**, [S.L.], p. 1-21, 2 mar. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/14616688.2022.2044376>.

BELLATO, L.; FRANTZESKAKI, N.; LEE, E.; CHEER, J. M.; PETERS, A. Transformative epistemologies for regenerative tourism: towards a decolonial paradigm in science and practice?. **Journal Of Sustainable Tourism**, [S.L.], p. 1-21, 8 maio 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/09669582.2023.2208310>.

BENI, M. C. Como certificar o turismo sustentável? **Revista Turismo em Análise**, v.14, n.2, p.5-16, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Saúde: orientação básicas**, 1ª ed. 2010, Disponível em: [MTur lança Caderno de Orientações Básicas de Turismo de Saúde — Ministério do Turismo \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/mtur/pt-br/assuntos/seguridade-turistica/seguridade-turistica) Acesso em: 3 out. 2023.

CANDIOTTO, L. Z. P. Considerações sobre o Conceito de Turismo Sustentável. **Revista Formação**, n.16, volume 1 – p.48-59, 2009. DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v1i16.861>.

CORREA, C. Presença online das cidades criativas brasileiras: análise dos websites oficiais. **Diálogo com a Economia Criativa**, [S.L.], v. 3, n. 9, p. 63-75, 23 nov. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22398/2525-2828.3963-75>.

DIAS, R. **Introdução ao Turismo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Regenerar**. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/regenerar/> Acesso em: 31 ago 2022.

DUXBURY, N.; BAKAS, F. E.; CASTRO, T. V. de; SILVA, S. Creative Tourism Development Models towards Sustainable and Regenerative Tourism. **Sustainability**, v. 13, n. 2, 22 dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/su13010002>.

FARSARI, Y.; PRASTACOS, P. **Sustainable tourism indicators: Pilot estimation for the Municipality of Hersonissos, Crete**. Proceedings of The International Scientific Conference on “Tourism on Islands and Specific Destinations”, University of the Aegean, Chios. Disponível em: [Sustainable Tourism Indicators: Pilot Estimation for the Municipality of Hersonissos \(diva-portal.org\)](http://diva-portal.org). Acesso em: 22 out. 2023.



POLLOCK, A. **Conscious Travel**, n. 21, 2013. Disponível em: <https://conscioustourism.files.wordpress.com/2011/02/june-2013-conscious-travel.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023

POLLOCK, A. Flourishing beyond sustainability: The promise of a Regenerative Tourism. In: **ETC Workshop in Krakow**, p. 1-10, Brussels, Belgium: ETC Corporate, 2019. Recuperado de; [Flourishing Beyond Sustainability \(etc-corporate.org\)](https://etc-corporate.org) Acesso em: 22 out. 2023.

SADLER, B. Desenvolvimento sustentável e gestão ambiental. In: PARTIDÁRIO, M.R.; JESUS, J. (eds). **Avaliação do impacto ambiental**: Conceitos, procedimentos e aplicações. Caparica: Centro de Estudos de Planeamento e Gestão do Ambiente, 1999.

SILVA, A. L. G.; BARREIRA, C. A. **Turismo de Saúde**. São Paulo: SENAC, 1995.

SILVA NETO, S. A. O que é um paradigma? **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v.45, n.2, p.345-354, 2011.

SMITH, M.; PUCZKÓ, L. **Health and wellness tourism**. UK: Elsevier, 2009.

SMITH, M.; KELLY, C. Holistic Tourism: Journeys of the Self?, **Tourism Recreation Research**, 31(1), 15-24, 2006

RUSSELL, R. A. Chaos Theory and Managerial Approaches, in D. Buhalis and C. Costa (eds.) **Tourism Management Dynamics: Trends, Management and Tools**, pp. 108-15 (Oxford: Butterworth-Heinemann), 2006.

TAVARES, F. **A regeneração é um paradigma** - o que isso quer dizer? Instituto de Desenvolvimento Regenerativo. Disponível em: <https://desenvolvimentoregenerativo.com/a-regeneracao-e-um-paradigma%E2%80%8A-%E2%80%8Ao-que-isso-quer-dizer/>. Acesso em: 03 out. 2023

ZULFAQAR, M.; BASHIR, S.; YAGHMOUR, S. M. A.; TURI, J. A.; HUSSAIN, M. The Mediating Roles of Economic, Socio-Cultural, and Environmental Factors to Predict Tourism Market Development by Means of Regenerative Travel: an infrastructural perspective of china's pakistan economic corridor (cpec). **Sustainability**, [S.L.], v. 15, n. 6, p. 5025, 12 mar. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/su15065025>.

### ***Regenerative Tourism Experiences in Brazil: An Exploratory Study***

#### ***Abstract***

*The increasing concern about environmental issues and their global ramifications has generated significant momentum towards a culture of regeneration across various domains of knowledge. This movement is fueled not only by climate change but also by the emergence of health pandemics, which have reinforced the need to rethink society's interactions with the environment. Within the context of tourism, the emerging concept of Regenerative Tourism, perceived as an evolution of the sustainability concept, has been*

*in existence for approximately two decades but is only beginning to gain traction in Brazil. In addition to laying out the foundations of this conceptual discussion, this present article aimed to map, through an exploratory internet search, the existence of self-declared experiences of Regenerative Tourism and analyze them through the lens of their principles. The analysis of the selected practices revealed a multifaceted landscape, with diversity in approaches ranging from the restoration of marine ecosystems to the preservation of the historical heritage of Esperantist culture. These initiatives are grounded in the involvement of local communities, environmental regeneration, and the pursuit of financially sustainable strategies. However, tourist participation remains predominantly passive, focusing on experiential learning and practices geared towards self-discovery and physical and spiritual renewal. Although in its infancy, this new paradigm is beginning to be embraced in the country, yet specific guidelines are still needed to steer these initiatives, as the principles guiding this practice remain largely abstract.*

**Keywords:** *Conscious Tourism. Sustainability. Regeneration. Regenerative Design. Regenerative Tourism*